

O FEMINISMO NA OBRA “A LETRA ESCARLATE” (1850), DE NATHANIEL HAWTHORNE¹

OLIVEIRA, Maria Aparecida Cruz de²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar o feminismo na obra “A Letra Escarlata” (1850), de Nathaniel Hawthorne. O foco é mostrar a retratação da protagonista, Hester Prynne, como sujeito ou objeto, enfatizando sua ascensão na narrativa. Conclui-se que em “A letra Escarlata”, a personagem Hester Prynne mostra-se dúbia, ora agindo como sujeito, ora como objeto.

Palavras-chave. Feminismo; “A Letra Escarlata”; sujeito/objeto.

Abstract. This work has as objective to analyze the feminism in the work “The Scarlet letter” (1850), of Nathaniel Hawthorne. The focus is to show the protagonist, Hester Prynne as subject or object, emphasizing her rising in the narrative. We conclude that in “The Scarlet letter”, the character Hester Prynne shows herself as a double woman, acting as subject or object.

Key-words. Feminism; “The Scarlet letter”; Subject/object.

INTRODUÇÃO

“A Letra Escarlata” é uma obra de 1850 que possui uma personagem central feminina, Hester Prynne, mulher profundamente ávida de amor e dotada de grande capacidade de sofrimento. Esta personagem viveu em uma sociedade onde reinava o Puritanismo. Hester Prynne foi excluída do meio social, porque infringiu as leis que regiam esta religião, e a igreja para sua punição, a colocou à margem da sociedade. Apesar de viver isolada, a personagem não se curvou diante da população, pois foi uma mulher que lutou para viver como uma pessoa comum, sem ser apontada como uma pecadora. Analisar esta obra seguindo a corrente feminista tornará este estudo mais relevante e válido por conta deste movimento ser muito recente, apesar de estar presente em diversas obras canônicas ou mesmo modernas como é o caso do romance romântico de Hawthorne.

No cenário literário atual, a mulher tem crescido cada vez mais como escritora e como personagem. Neste sentido, a análise da personagem Hester busca resgatar a retratação da mulher em uma obra de 1850 com olhares voltados para a ascensão feminina.

O objetivo em analisar esta obra é delinear o feminismo tal como ele se apresenta na obra “A Letra Escarlata” (1850), de Nathaniel Hawthorne, especificando as suas mudanças no decorrer da história, analisando como a personagem Hester Prynne é retratada na obra “A Letra Escarlata” (1850), verificando a evolução desta personagem

¹ Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de licenciada em Letras - Língua Portuguesa e Inglesa da UFAM-IEAA.

² Acadêmica finalista do curso de Letras - Língua Portuguesa e Inglesa da UFAM-IEAA.

como mulher ao longo do enredo e por último, realizar a análise do comportamento da personagem Hester Prynne, seja como sujeito ou objeto.

Este trabalho é de abordagem qualitativa e bibliográfica, e os aspectos conceituais do feminismo são baseados nos seguintes teóricos: Zolin (2003), Bonnici (2007), Alves e Pitanguy (1985), Beauvoir (1980) e Michel (1982). Para ilustrar os conceitos definidos anteriormente, será feita uma análise detalhada da obra “A Letra Escarlate” em específico da personagem protagonista Hester Prynne.

O movimento literário feminista

O feminismo compreende todos os movimentos e lutas criados por mulheres que tiveram coragem de enfrentar a sociedade sexista em busca de direitos igualitários para ambos os sexos, como atesta Bonnici: “O feminismo poderá ser definido como uma crença e convicção na igualdade sexual acoplada ao compromisso de erradicar qualquer dominação sexista e de transformar a sociedade.” (2007, p. 86).

De modo geral, o feminismo comporta uma pluralidade de manifestações e particularidade de articulação da experiência feminista um momento histórico e político no qual se desenvolveu. É uma forma de pensar o legado desse movimento social que marcou uma época, diferenciou gerações de mulheres e modificou formas de pensar e viver.

Este movimento causou impacto tanto no plano das instituições sociais e políticas, como nos costumes e hábitos cotidianos, ao ampliar definitivamente o espaço de atuação pública da mulher, com repercussões em toda a sociedade.

Através de uma luta constante por seus direitos, as mulheres trabalhadoras romperam o silêncio e projetaram suas reivindicações na esfera pública. Segundo Alves e Pitanguy (1985).

[...] O feminismo ressurgiu num momento histórico em que outros movimentos de libertação denunciavam a existência de formas de opressão que se limitam ao econômico.

[...] O feminismo busca repensar e criar a identidade de sexo sob uma ótica em que o indivíduo, seja ele homem ou mulher, não tenha que adaptar-se a modelos hierarquizados, e onde as qualidades “femininas” ou “masculinas” sejam atributos do ser humano em sua globalidade. Que a afetividade, a emoção, a ternura possam aflorar sem constrangimentos nos homens e serem vivenciadas, nas mulheres, como atributos não desvalorizados. (pp. 7 e 9)

Formado e motivado primeiramente a partir de experiências da mulher, ele apresenta uma crítica à desigualdade social dos sexos (numa perspectiva sociológica de

gênero) e promove os direitos das mulheres, seus temas e interesses. Desde muitos séculos, a mulher sempre foi considerada inferior ao homem, sendo submetida apenas trabalhos domésticos e nunca intelectuais. A mulher era submissa ao homem e vivia apenas para procriar, e servir ao seu marido, não tinha acesso à educação, pois era relegada ao estudo informal. Somente aos homens era permitida a educação escolar, como vemos a seguir:

[...] Tendo como função primordial a reprodução da espécie humana, a mulher não só gerava, amamentava e criava os filhos, como produzia [...] tudo aquilo que era diretamente ligado à subsistência do homem: fiação, tecelagem, alimentação. Exercia também trabalhos pesados como a extração de minerais e o trabalho agrícola.

[...] A essa divisão concreta de atividades correspondiam valorações diversas. O “fora de casa”, onde se desenvolviam as atividades consideradas mais nobres – filosofia, política e artes – era o campo masculino. (ALVES e PITANGUY, 1985, pp.11-12).

A mulher vivia, portanto, em função do bem estar de sua família e de satisfazer os desejos de seu marido. Isto acarretava o enclausuramento das mulheres em seu ambiente patriarcal. Os seus anseios e desejos de mulher não lhes eram permitidos. Com o avançar da sociedade, as mulheres começaram a buscar seus direitos, reivindicando-os em diversas áreas, como no campo trabalhista, lutando por salários tais quais os dos homens (MICHEL, 1982).

No campo literário, a crítica feminista teve seu marco inicial com a publicação de *Sexual Politics*, de Kate Millet, em 1970. A partir daí, muitas mulheres começaram a aparecer com suas críticas feministas, e isto foi um impulso para que outras mulheres deixassem sua posição de inferioridade ao homem e comesçassem a surgir como escritoras dentro da literatura.

Dentro do movimento literário, a mulher como personagem tradicionalmente é aquela que compõe todos os quesitos de uma mulher inescrupulosa, dissimulada, perigosa, megera, indefesa, impotente, submissa, ou seja, a mulher é revestida de muita passividade ou dissimulação e incapaz de se impor. Segundo Zolin:

As críticas feministas mostram como é recorrente o fato de as obras literárias canônicas representarem a mulher a partir de repetições de estereótipos culturais, como por exemplo, o da mulher sedutora perigosa e imoral, o da mulher como megera e incapaz, e entre outros, o da mulher como anjo capaz de se sacrificar pelos que a cercam. Sendo que a representação da mulher como incapaz e impotente subjaz uma conotação positiva; a independência feminina vislumbra na megera e na adúltera remete à rejeição e à antipatia. (ZOLIN, 2003, p.170).

Vemos que a personagem feminina é, muitas vezes, retratada de forma estereotipada, vistas como anjos ou demônios, como atesta Zolin: “Em *Dom Casmurro*, Capitu é na visão do marido Bento, uma sedutora imoral e dissimulada capaz de traí-lo com seu melhor amigo. [...] Em *O Primo Basílio*, Eça de Queiroz põe em cena a megera chantagista, na pele de Juliana, e a adúltera imoral na pele de Luísa. (2003, p.170).

Os críticos nos mostram que o sistema patriarcal fabricou a mulher ideal que Woolf (1979) a chama de “o anjo do lar” e também de “monstro”. Seguindo esse pensamento, a mulher é vista como “anjo” porque é bondosa, carinhosa, passiva, incapaz de se impor contra o outro, doa-se se preciso for para aqueles que a cercam, é tão cheia de bondade e confiança que se torna submissa. É vista como “monstro” porque a mulher segue os seus próprios pensamentos, desobedecendo às regras do patriarcalismo, e se volta contra o outro, o homem, como vemos:

“O anjo do lar”: é simpática, altruísta, passiva, subordinada, silenciosa, casta, obediente, fiel. Não faltam, contudo, vozes femininas que subvertem o patriarcalismo monolítico. Megeras, loucas, assassinas, feiticeiras, rebeldes, sedutoras, sutis estrategistas, cínicas, duvidantes povoam a literatura [...] (BONNICI, 2007, p. 22).

Na literatura, de forma geral, muitas são as obras que retratam a mulher segundo esses estereótipos. Desde sempre, valorizou-se muito o patriarcalismo e, com isso, os homens ascenderam muito dentro da literatura, pois somente eles é que tinham acesso à arte e à literatura. Seus romances eram escritos com uma visão voltada para o leitor masculino. A mulher era vista como objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento, mas com a ascensão do feminismo ela deixou de ser questionada e passou a questionar. E, assim, a mulher conseguiu uma grande quebra de paradigmas e cresceu muito no campo intelectual, como vemos:

Nas últimas décadas, muitas facções críticas defendem a necessidade de considerar o objeto de estudo em relação ao contexto em que está inserido; de alguma forma, tudo parece estar interligado. No que se refere à posição social da mulher e sua presença no universo literário, essa visão deve muito ao feminismo, que pôs a nu as circunstâncias sócio-históricas entendidas como determinantes na produção literária. Do mesmo modo que fez perceber que os estereótipos femininos negativos, largamente difundido na literatura e no cinema, constitui-se num considerável obstáculo na luta pelos direitos da mulher. (ZOLIN, 2003, p. 161)

Por outro lado, as críticas feministas tem nos mostrado que a produção literária após a década de 1960 vem seguindo outros caminhos. Como consequência da primeira onda feminista, muitas mulheres tornaram-se escritoras, profissão até então eminentemente masculina. As mulheres escritoras partem de temas especificamente femininos como: essência feminina, nascimento, amor, sexualidade, maternidade,

violência, bem como outros temas. Trata-se de tentar romper com os discursos sacralizados pela tradição, nos quais a mulher ocupa, à sua revelia, um lugar secundário em relação ao lugar ocupado pelo homem, como exemplifica Zolin:

Veja-se, à guisa de exemplo, textos de Clarice Lispector (1986), como *Perto do Coração Selvagem*, em que Joana, a heroína problemática do texto, não consegue adaptar-se à estereotipia dos papéis femininos predeterminados pela família pequeno-burguesa. (ZOLIN, 2003, p. 174).

A partir deste exemplo e de diversas outras obras, podemos perceber que a mulher como escritora cria personagens femininos que não aceitam mais as imposições masculinas e estas personagens mostram-se agentes em suas próprias vidas, criando o seu próprio final. Enquanto no sistema patriarcal tradicional, a mulher personagem tinha na maioria das vezes um final triste e trágico, agora passa a questionar sua própria vida, podendo ter, também, um final feliz e conseguindo alcançar objetivos sem depender da figura masculina, como ocorre com a personagem Constance, protagonista de “O amante de Lady Chatterley” (1928), de D. H. Lawrence, que se divorcia do marido para ficar com o amante, a quem amava verdadeiramente.

A mulher escritora segue temas que são muito vivenciados na realidade, mas poucos são valorizados. As mulheres começam a escrever a partir de suas próprias experiências e não mais a partir dos papéis que lhes são impostos pelo patriarcado, e esquecendo as conotações negativas criadas pela mente masculina. Assim, teremos romances modernos que vão focar, exclusivamente, a experiência feminina, as ações femininas, os sentimentos femininos. Um exemplo disso é o romance “A casa da paixão” (1972), de Nérida Piñon, cuja protagonista Marta descobre o prazer no próprio corpo e, a partir disso, torna-se sujeito, agente, ativa (Zolin, 2003).

O feminismo mostra que a mulher vem quebrando muitos paradigmas e descobrindo novos horizontes, como escritora e personagem, deixando de lado a prática acadêmica patriarcal.

Com essa grande quebra de paradigmas a mulher como sujeito ficou mais em evidência, e passou a mostrar suas próprias vontades, seus próprios desejos, seus próprios pensamentos, a trilhando o seu próprio caminho, desobedecendo as regras do patriarcalismo, como diz Zolin: “A mulher – sujeito é marcada pela insubordinação aos referidos paradigmas, por seu poder de decisão, dominação e imposição (2003, p.163).”

Com a evidência dessa nova mulher, deixa de existir aquela que pode se chamar de mulher-objeto, este tipo de mulher não tinha vez e nem voz, existia só para receber e obedecer a ordens, como se fosse uma máquina. Ela era imposta a um grau de

negatividade pelo outro (homem), e não tinha nenhum privilégio, como exemplifica Zolin: “A mulher – objeto define-se pela submissão, pela resignação e pela falta de voz” (2003, p. 163).

Na teoria literária feminista, há ainda os conceitos de sujeito e objeto para classificar as mulheres, seja como escritoras ou como personagens. A objetificação “É a prática própria da ideologia patriarcal e da ideologia colonial de tratar o outro (diferente na cor da pele, na raça, na etnia, na religião, no gênero) como inferior”. (BONNICI, 2007, p. 192).

Neste caso, o conceito de inferioridade era dado à mulher que não conhecia seus direitos, seus valores, seus ideais, o que as tornava objetos. O sujeito diz respeito ao grau de superioridade que a mulher consegue através da quebra de paradigmas, como diz Bonnici: “O termo “sujeito” ou agente está intimamente ligado à teoria feminista porque subjaz às percepções que a mulher tem de sua identidade e de sua habilidade para assumir sua posição dentro da sociedade e revidar as atitudes e os pressupostos do patriarcalismo”. (BONNICI, 2007, p.246).

A mulher consegue quebrar as regras imposta pelo patriarcalismo a partir do momento que ela consegue sua integridade dentro da sociedade, através de suas obras ou através do desempenho de seu papel como personagem.

Hoje, de modo geral, nota-se que muitas das mulheres já conseguiram sua própria independência através de lutas e mudanças de pensamento, podendo-se assim dizer que a mulher atualmente sente-se liberta, dizendo basta à opressão e pedindo mais reconhecimento pelo seu trabalho, e por tudo isso Beauvoir diz: “Não se nasce mulher; faz-se mulher.” (BEAUVOIR 1988, p.249 apud BONNICI 2007, p. 32).

Contexto histórico-social do Puritanismo nos Estados Unidos e resumo da obra

“A Letra Escarlate” (1850) é um romance histórico ambientado nos Estados Unidos no século XVII, período colonial em que o país ainda era uma colônia da Inglaterra. Neste período, as colônias eram formadas com propósitos religiosos, de acordo com o puritanismo. (DICKINSON, 1948).

A mulher sempre foi inferior ao homem em qualquer lugar do mundo, e na Inglaterra, ou melhor, na Nova Inglaterra nos séculos XVI e XVII não era diferente, época em que ocorreu a história da obra analisada neste artigo. Neste período, a sociedade vivia

o puritanismo, um movimento que se preocupava com a pureza e a integridade da igreja, do indivíduo e da sociedade.

Qualquer cidadão que deixasse de obedecer às regras desse movimento era severamente punido "Para os puritanos, a vida é uma severa realidade" (THOMAS, 2006, p. 230).

Na época do puritanismo as pessoas tinham que viver de acordo com as leis desta religião, principalmente a mulher porque ela sempre foi desprovida de qualquer autonomia e devia total obediência ao seu marido "A Letra Escarlate representa isso, a moral da Nova Inglaterra: a luta entre o amor puritano da religião e a religião pagã do amor" (THOMAS, 2007, p. 236).

Resumo da obra

A obra "A Letra Escarlate" é ambientada no ano de 1666, retrata a vida de uma mulher que é acusada de adultério, tem como personagem principal Hester Prynne que é levada e julgada em praça pública, condenada a viver uma vida de segregação por não declarar quem é seu amante.

Nathaniel Hawthorne nessa obra faz uma crítica à falsa moral puritana descreve tipos humanos que buscam direitos de liberdade afetiva. Em A Letra Escarlate o inesperado em dos pontos principais dessa obra a começar pelo reaparecimento do marido de Hester, que era tido como morto e até mesmo da progênie de Pearl filha de Hester e a confissão do clérigo.

Hawthorne nos brinda com um final inusitado, Dimmesdale mostra o peito com a letra "A" marcada a ferro, confessando ser o pai da pequena Pearl deixando caí por terra todos os princípios da igreja, causando espanto a todos daquela sociedade, pois o mesmo era visto como uma pessoa íntegra.

O feminismo na obra "A Letra Escarlate" (1850) de Nathaniel Hawthorne

A obra "A Letra Escarlate" (1850), de Nathaniel Hawthorne narra a realidade da personagem protagonista, Hester Prynne, uma mulher sofrida e rejeitada pela sociedade. Esta personagem é retratada na obra como se fosse uma peste inesperada, que chega para desestruturar tudo e todos. A mesma é um mal que assola toda a sociedade em que vive,

como se nota: “A infeliz criminosa, sob o peso de milhares de olhos hostis que a procuravam.” (HAWTHORNE, 2007, p. 62).

Nota-se que a personagem é para as pessoas o próprio mal em forma de mulher, seus direitos de ir e vir dentro da sociedade foram proibidos, não podia participar das atividades daquela colônia, pois era tida como mau exemplo e poderia corromper as outras mulheres. “Daí por diante ela se tornaria o símbolo para o qual os pregadores e os moralistas apontariam, e com o qual dariam vida e corpo às representações da leviandade feminina e da paixão pecaminosa.” (HAWTHORNE, 2007, p. 79).

Uma analogia que pode ser vista, é entre os personagens Dimmesdale (Adão) que foi seduzido por Hester (Eva), tentado e levado a cometer o pecado. Como podemos perceber ele é tido como um homem puro e santo, ao contrário de Hester, que tanto pode ser representada como a personificação do pecado (a serpente sedutora), que foi a causadora do pecado que assolou o paraíso. Em outros momentos como a imagem de um ser mais fraco, que não resiste ao pecado. Esta caracterização da mulher como fraca é muito estudada pelo feminismo, que mostra personagens retratadas como seres sempre inferiores em relação ao homem.

Eis por que, tanto quanto lhe permitiam os deveres, ele ia entrando pelos atalhos sombreados, e assim se conserva simples e puro - aparecendo, quando a ocasião exigia com uma frescura, uma fragrância e uma orvalhada candura de pensamento que, que ao que diziam muitas pessoas, impressionavam-nas como a prédica de um anjo”. (HAWTHORNE, 2007, p. 70).

Hester vive a sentença de sua condenação por conta da sua desobediência, imposta pelas leis do patriarcalismo, vista como o próprio pecado, como notamos: “Assim, a mocidade pura seria exortada a olhar para ela como para a imagem, o corpo, a personificação do pecado, a vê-la com a letra escarlata flamejando no seu peito;” (HAWTHORNE, 2007, p. 80). Não tendo respeitado a lei da castidade, Hester é condenada e passa a ser vista como uma pária, uma mulher a ser evitada pelo mau exemplo.

Vê-se que a ela é o tipo de mulher estereotipada, aquela taxada de conotações negativas e que a todo o momento se impõe sobre si: Hester é vista ora como submissa, dissimulada, amável e sedutora, como notamos: “Mas pouco se incomodará com o que lhe puseram no corpete do vestido, a reles prostituta! Ora! Com um broche ou qualquer outro enfeite pagão poderá esconder o emblema e passear pelas ruas, atrevida como sempre!” (HAWTHORNE, 2007, p. 59).

Percebe-se que Hester mostra que tem altivez e coragem, uma mulher que não se deixa inferiorizar facilmente pelas leis do homem, mas em outro momento nota-se a fragilidade da mesma, onde aceita tudo com muita passividade: “No caso de Hester Prynne não havia nem irritação nem aborrecimento. Ela jamais hostilizava a coletividade. Ao contrário, submetia-se resignadamente aos seus piores tratos. Jamais a acusava pelo que sofria. Nunca lhe decepcionava a benevolência.” (HAWTHORNE, 2007, p. 144). Assim é a retratação da personagem na narrativa, ora forte, ora fraca, sempre sob as penas das regras impostas pelo patriarcalismo.

Nota-se que desde o início da narrativa que a mulher já aparece como objeto, pois a mesma sofre com o preconceito do patriarcado e também das mulheres, que demonstram aceitar todas as imposições masculinas. Percebe-se que os cidadãos daquela colônia não levavam em conta os sentimentos e as dores da mulher, nota-se também a hipocrisia e o preconceito por parte das próprias mulheres da época em relação à personagem feminina “Notava-se, também, entre as matronas- como parecia ser a maioria delas- um modo de falar petulante e palavroso, que atualmente nos espantaria, não só pelo tom, mas também pelas opiniões.” (HAWTHORNE, 2007, p. 58).

Nota-se nesta citação que não só o homem tem a capacidade de inferiorizar a mulher, mas também a própria mulher inferiorizava Hester, porque eram obedientes as regras do patriarcalismo e seguiam somente o que o homem estabelecia:

- Senhoras -disse uma cinquentona de fisionomia dura - vou revelar-vos um pouco do que penso. Seria de muito proveito geral que nós, mulheres de idade madura, e religiosas de boa reputação, tivéssemos o encargo de lidar com criminosas da espécie dessa Hester Prynne. Que achais, amigas? Se a velhaca comparecesse perante nós cinco que aqui estamos, sairia com uma sentença como a que o magistrado proferiu? (HAWTHORNE, 1850, p.58).

Mesmo diante de toda a humilhação de ser julgada em público, Hester mostra-se passiva e sem proferir nenhuma palavra, nota-se que a mesma torna-se objeto, por que se deixa dominar e se torna obediente, seu papel era meramente escutar sem que pudesse se defender.

Porém, em outros momentos, ela se mostra como sujeito, pois não denota arrependimento de seu pecado. No capítulo “A praça do mercado” já na saída de Hester, nota-se que ela se mostra tranquila e segura, apesar de estar com a filha nos braços que para todos era a filha do pecado. E, para aquelas senhoras aquilo era um desaforo, expor o fruto da sua desonra como se fosse um troféu ganho por algum mérito, como se nota:

Num movimento cheio de altivez e de força moral, caminhou para o ar livre, tinha nos braços uma menina de apenas três meses, [...] embalou a filha, e, com um rubor escaldante, mas com um sorriso ainda altaneiro e um olhar que

ninguém poderia abater, encarou conterrâneas e cidadãos. (HAWTHORNE, 2007, p. 59).

Mesmo estando Hester em meio a uma guerra de palavras hostis e de olhares impiedosos, e não podendo proferir uma palavra sequer em sua defesa, não esmorece, e mostra-se como sujeito através de seu olhar, de seu sorriso, de seus movimentos. Ela deixa de ser passiva e passa a causar certa indignação naqueles que ali estavam.

Pode-se perceber que Hester passa de objeto para sujeito neste dado momento em que ela deveria implorar pelo seu perdão, mas não, age como se nada estivesse acontecendo, mostrando-se resistente a toda aquela humilhação pública. Vemos, assim que esta personagem oscila, passando de sujeito a objeto e vice-versa em quase toda a obra.

Na cultura puritana não se favorecia o físico da mulher, para eles a beleza física da mulher também era vista como algo de repúdio e condenação, pois o puritanismo primava por atitudes rígidas e morais. Eles também consideravam o prazer como um pecado, e Hester era bela, provocando o desejo masculino e o puritanismo não tolerava isso, porque cuidava da integridade da igreja e da sociedade. E a beleza jovial da mesma que manchava o santuário daquela colônia também não passou despercebida, como podemos comprovar:

A jovem era alta, elegantíssima. Tinha os cabelos pretos e copiosos [...] O seu rosto, além de belo pela regularidade e pela riqueza dos traços, irradiava a unção que vem de umas pestanas arqueadas e de uns olhos negros e pensativos. (HAWTHORNE, 2007, p. 60).

Todos ali esperavam por uma pessoa triste, debilitada e frágil, afinal ela estava saindo da prisão, no entanto ela se mostrou forte, confiante e muito elegante. Mais uma vez a personagem mostra que sabe o que quer, não tem medo e enfrenta tudo com muita altivez, agindo, novamente, como um sujeito, uma mulher ativa, apesar da situação negativa.

E por fim, neste primeiro capítulo, a todo custo Hester consegue passar por entre as pessoas que ali estavam e que ficaram esperando pelo momento em que ela proferisse alguma palavra, mas a mesma suportou tudo calada e consciente do que estava acontecendo, como se nota:

Há, todavia, em, nossa natureza, uma disposição, maravilhosa e compassiva, que faz com que a vítima não perceba a intensidade do que sofre pela tortura do momento, mas, principalmente, pela dor que depois abate. (HAWTHORNE, 2007, p. 61).

Hester era uma mulher forte, ela poderia ter se voltado contra os magistrados que a condenavam, mas mostrou muita altivez. Não que ela não sentisse vontade de gritar, de chorar, de explodir de raiva, afinal ela era um ser humano e tinha seus sentimentos:

Mas no ambiente plúmbeo em que era forçada a viver o castigo, chegava a sentir necessidade de gritar com todas as forças dos pulmões, ou de atirar-se da plataforma abaixo, ou enlouquecer de uma vez. (HAWTHORNE, 2007, p. 63).

Mais uma vez, notamos que Hester, mesmo sofrendo diante do julgamento público, não demonstra a seus expectadores seu sofrimento. Age como um sujeito, como senhora da situação e não se deixa abater.

Hester permanecia sob a plataforma, onde estava sendo julgada pelo governador (Bellingham) e por todos os magistrados que ali faziam suas proclamações. Neste momento, a população assistia a tudo e esperava ansiosa pelo momento da revelação do nome do culpado que levou Hester a ser condenada. Mesmo as pessoas proferindo palavras hostis para a personagem, esta não deixou ser levada pela passividade e obediência, enfrentou tudo e todos com altivez e confiança sendo sujeito de suas próprias ações:

- Mulher, não transponhas os limites da misericórdia do Céu - gritou o Reverendo Sr. Wilson, mais áspero do que antes. - A esta criancinha foi concedida uma voz, para secundar e confirmar o conselho que ouviste. Revela o nome! Isto e o teu arrependimento podem influir para te arrancar do seio a letra escarlata!

Nunca! - retrucou Hester Prynne (HAWTHORNE, 2007, p. 71).

Percebe-se que Hester se volta contra o conselho de magistrados e nega-se a dizer o que todos querem ouvir. Nota-se que outra vez a personagem é vista como sujeito, a mesma quebra às regras do patriarcado enfrentando o homem.

Novamente sujeito, na saída do pelourinho Hester sabe se impor, sai como se nada estivesse acontecido, veja a citação: “Manteve a mesma atitude inamalgável ao ser reconduzida à prisão e até quando, ao passar os umbrais da porta guarnecida de ferro, desapareceu dos olhos do público”. (HAWTHORNE, 2007, p.72). Nota-se que mesmo diante das exortações, a personagem mostra-se forte, superior diante de uma sociedade preconceituosa em que o homem regia todas as leis.

Seguindo a vertente do feminismo, nota-se que a personagem não consegue quebrar totalmente as leis ditas pelo patriarcalismo, ou seja, ela sempre vai ser vista como objeto por conta do pecado que cometeu, a personagem não consegue se libertar totalmente da culpa pelo ato cometido, adultério, com isso, seu papel perante a sociedade é aceitar a condição masculina:

- Uma coisa, tu que foste minha esposa, uma coisa desejo acrescentar - disse o sábio. - Guardas o segredo do teu cúmplice. Guarda também o meu! Ninguém nesta terra me conhece! Não murmures, para ninguém, que um dia me chamaste marido!"(HAWTHORNE, 2007, p. 77).

Nota-se que a personagem é vista como um ser inferior, pois é submetida a obedecer ao marido. Com isso torna-se claro, que Hester vive numa sociedade, onde a mulher não tem voz, seu papel é somente obedecer e esperar.

Terminado o tempo de reclusão, Hester está de volta ao meio social, mas o que parecia ser fácil tornou-se uma tortura diária, pois nem mesmo o insulto coletivo, quando toda gente fora convocada para apontá-la como adúltera em praça pública, fez com que ela se sentisse tão humilhada, como seria daí por diante, já que depois de sua liberdade condicional, a personagem teria que conviver e aceitar as mais diversas humilhações advindas das pessoas que a tem como um estorvo.

Os sacerdotes paravam em plena rua para lhe endereçar frases de exortação, provocando em torno da pobre e humilhada criatura, ajuntamentos em que as galhofas se misturavam às censuras. Se entrava numa igreja, confiante de que participaria do sorriso do Pai Universal, acontecia-lhe quase sempre se encontrar como assunto do sermão (HAWTHORNE, 2007, p. 84).

Hester foi obrigada a pagar pelo seu erro, o adultério. A mesma foi obrigada junto com a filha à segregação, foi imposto também, pelo homem, à personagem o uso de um símbolo que marcaria sua objetividade diante da sociedade, este símbolo, o "A" que significava o adultério, fazia com que a mesma fosse inferiorizada diante das outras pessoas, com isso, tornara-se excluída do meio social e obediente ao patriarcado.

A verdade era que os pequenos puritanos, filhos da casta mais intolerante que já existiu, tinham adquirido a vaga noção de que existia, na mãe e na filha, qualquer coisa de estranho, extraterreno, fora do comum- e por isso desprezavam-nas nos seus corações e, frequentemente, injuriavam-nas com as línguas (HAWTHORNE, 2007, p. 91)

Percebe-se mais uma vez, que a personagem é tida como objeto, pois a mesma era vista como um ser inferior dentro da sociedade que era rígida com quem cometia tal crime.

Mas Hester continuou sua jornada naquele lugar, morando em uma simples cabana aos redores da floresta, a personagem poderia seguir para outro lugar, sair do ambiente de exortação, mas não foi o que aconteceu, a mesma permaneceu em uma sociedade que a condenara:

Talvez pareça espantoso que, com o mundo inteiro diante de si, não se achando, por nenhuma cláusula da sentença, obrigada a permanecer nos limites da fundação puritana, livre para regressar à Pátria, ou a qualquer outro país da Europa [...] - pode parecer estranho que Hester Prynne continuasse considerando sua moradia aquele lugar, o único em que era obrigada a encarnar a infâmia (HAWTHORNE, 2007, p. 80).

No trecho acima, percebe-se que a personagem age como sujeito. Sua força para enfrentar a sociedade mostra que Hester não é meramente um ser passivo que se deixa levar pela subordinação, a mesma tem atitude, e isto a caracteriza como um ser superior que não se deixou abater diante de seu erro.

Anos antes, as mulheres não tinham direitos iguais ao homem, as mesmas não tinham acesso à educação, a obter uma carreira profissional e viviam apenas para procriar e zelar pelo bem estar de sua família. Hester nos mostra que a mulher poderia sim quebrar a ideologia de que somente os homens teriam a capacidade de trabalhar e de ser sujeito atuante no meio social. A personagem mostra que a mulher pode ultrapassar a regras estabelecidas pelo patriarca e ter uma ascensão tanto social quanto profissional:

Apesar de só, e de não ter no mundo um amigo que ousasse se revelar. Hester não incorria no perigo de passar miséria. Possuía uma arte que, mesmo numa terra que lhe proporcionava relativamente poucas oportunidades, bastava-lhe para assegurar o próprio sustento e o da menina que ia se desenvolvendo. Era - dantes, como agora, a única de que a mulher tem quase a exclusividade - a arte da costura. (HAWTHORNE, 2007, p. 81).

Nota-se que novamente a personagem é vista como sujeito, quebrando os paradigmas impostos pelo homem e consegue ascensão profissional.

Hester foi além, e passou a ter uma carreira profissional, mesmo que fosse através da costura, trabalho de baixa renda e pouco valorizado pelo homem, mas sua arte era procurada por todos daquela região.

Ali, aliás, na árida simplicidade que em geral caracterizava as modas puritanas, não eram raras as encomendas das mais belas produções da sua agulha. Também na organização de funerais – fosse para amortilhar o cadáver ou para simbolizar nos múltiplos modelos das vestes de luto e na alvura das cambraias o pesar dos sobreviventes - era frequente e expressivo o apelo à habilidade de Hester Prynne. Roupas de criança - porque também as crianças usavam roupas solenes - forneciam-lhe outras ocasiões de atividade e ganho. Pouco a pouco, não muito lentamente, o seu trabalho se tornou o que agora se chama de “moda” (HAWTHORNE, 2007, p. 82).

Percebe-se que Hester é vista novamente como sujeito, mostrando-se capaz, e conseguindo alcançar um objetivo. Nota-se também que a personagem era procurada por

todos, até mesmo por aqueles que a condenaram, mas a mesma não guardava rancor e atendia a todos que necessitavam.

Nada mais satisfatório para Hester do que ter um trabalho digno e garantir sua própria independência. Hester, depois de sair da prisão, consegue e inserir na sociedade outra vez, mas não totalmente, pois quando as pessoas tinham de procurá-la para lhe encomendar alguma peça de roupa, não dava a impressão de que a mesma fizesse parte da sociedade “Contudo, em qualquer das suas relações com a sua comunidade, nada havia que lhe desse a impressão de estar integrada nela” (HAWTHORNE, 2007, p. 83). Percebe-se nesta citação que a personagem é vista como objeto, mesmo tentando se inserir de vez no meio social, pois para a mesma não é fácil se desligar totalmente de uma sociedade, onde o preconceito às leis patriarcais é fortemente imposto.

Com o dinheiro que sobrava de suas costuras, Hester ajudava os mais carentes, este sem saber que eram ajudados por ela também a ofendiam. Quando a personagem andava pelas ruas. Mas, sempre tranquila, ela ouvia as palavras de descaso sem ao menos retrucar.

Todo o dinheiro que sobrava dessa pequena despesa para enfeitar a filha, Hester destinava à caridade, a malvados menos infelizes que ela, que não raro insultavam a mão que os alimentavam. A maior parte do tempo, em vez de aplicá-la diligentemente à sua arte, empregava-a costurando para os necessitados (HAWTHORNE, 2007, p. 83).

Percebe-se nesta citação que a personagem, apesar de ser humilhada por todos, sempre estava disponível para ajudar ao próximo, sendo assim, nota-se que a mesma é mais uma vez sujeito de suas próprias ações, pois apesar de ter sido relegada à inferioridade pela sociedade, ainda contribuía com os habitantes mais pobres.

Como se não bastassem os sacerdotes, as senhoras de fisionomia dura, e toda a sociedade que lhe proferia palavras hostis, ainda as crianças, influenciadas pelos mais velhos, eram levadas a cometer grosserias contra Hester:

Começou a causar medo às crianças. Porque os mais velhos as embebiavam da vaga idéia de que existia qualquer coisa de terrível naquela sombria mulher que deslizava silenciosa pela cidade [...]. Por isto, depois que a deixavam passar, os garotos perseguiam-na à distância, soltando gritos estridentes e pronunciando uma palavra que não tinha significado no seu espírito, mas, por proceder de lábios que articulavam inconscientemente não era menos cruel para o amor-próprio da infeliz. Aquilo lhe parecia significar que a sua vergonha estava difundida por toda a Criação. (HAWTHORNE, 2007, p. 84, 85).

Percebe-se que a personagem é inferiorizada até mesmo pelos mais inocentes, e que há uma perpetuação da personagem como objeto em todas as gerações a que pertencer.

Até aqui, pouco temos falado da criança, Pearl, filha de Hester, que para sua mãe era valiosíssima. Pearl era considerada pela população como a filha do “pecado”, pois a mesma não apresentava genitor, causando assim diversos comentários negativos, vista como um demoniozinho, mas, que para Hester, era vista como um ser grandioso, visto que a mesma era a única pessoa com quem a protagonista podia fugir de suas aflições:

Da sua Pearl! Assim a chamara. Não como um nome que lhe definisse a aparência, que nada possuía da luz serena, desapaixonada e branca da pérola. Chamou Pearl à filha porque ela era um ser de alto preço - comprado com toda a sua fortuna - seu único tesouro de mãe! (HAWTHORNE, 2007, p. 87).

Percebe-se que novamente a protagonista é tida como sujeito porque protege, ama e exhibe o ser que ela gerou com todo amor. Assim como já foi dito acima, a Pearl era perante a sociedade o fruto do pecado, cometido por sua mãe que a tinha como uma riqueza, deste modo a protagonista se doa por amor à filha, agindo como sujeito.

A menina era de uma beleza inconfundível, até mesmo com o mais reles pedaço de pano sua beleza transparecia, e para transparecer ainda mais os predicados de sua princesa, Hester preocupava-se em apresentar a filha sempre bem arrumada, ou seja, a sua preciosidade estava sempre em evidência.

A mãe, com um propósito mórbido que de agora por diante será melhor compreendido, comprava-lhe os melhores tecidos que se podiam encontrar e empregava toda a imaginação em modelar e enfeitar os costumes que a filha usava em público. Tão magnífica ficava a pequena personagem, quando assim ataviada, tanto esplendida a sua formosura aqueles trajes luxuosos- capazes de empanar uma beleza mais pálida - que em torno dela, no chão rústico da cabana formava-se um verdadeiro halo. Mesmo um vestido caseiro, amarrotado e enxovalhado pelas suas desabusadas brincadeiras, fazia dela uma imagem de perfeição (HAWTHORNE, 2007, p. 88).

Hester age novamente como sujeito, pois ao invés de esconder o fruto de seu pecado em roupas opacas e medíocres, ela exhibe a menina em roupas extravagantes e coloridas, demonstrando que não se arrepende de ter sido mãe adúltera.

Um dia Hester resolve visitar o governador (Billingham), levando um par de luvas costurado e bordado de encomenda. Agora, Hester tinha uma razão maior ainda para ir contra as leis do patriarcalismo, pois a mesma resolve enfrentar o governo quando descobre que querem tirar sua filha de sua proteção.

Cheia de aflição - mas não convicta do seu direito que quase não lhe parecia desigual à luta entre o público e uma mulher desamparada, proscrita das simpatias do mundo - a pecadora partiu da sua cabana solitária, é claro que a pequena Pearl a acompanhava. (HAWTHORNE, 2007, p.96).

Nota-se que a personagem, mesmo aflita e sem convicção, não recua diante de tal fato e juntamente com a prova de sua culpa resolve sair em busca de uma explicação. Nota-se que a mesma não pensa nas consequências dessa afronta, sendo vista como objeto, dona de suas próprias ações.

Hester, muito angustiada, resolve procurar o progenitor de sua filha, e a mesma vai até a floresta para conversar com o mesmo, longe dos olhos de todo:

[...] Hester Prynne deu um ou dois passos pela trilha da floresta, mas continuou nas sombras das árvores. Avistou o sacerdote caminhando pela vereda, inteiramente só [...]. O pastor caminhava de vagar. E mesmo assim já ia muito longe e Hester Prynne ainda não encontrara voz para chamar-lhe a atenção [...]. – Arthur Dimmesdale! [...] –Hester! Hester Prynne! Exclamou. –És tu? Estás viva? – Assim é! – respondeu ela. – Viva, nesta vida que tem sido a minha durante os últimos sete anos! E tu, Artur Dimmesdale, ainda vives? (HAWTHORNE, 2007, p. 168)

Hester infringiu as regras ditadas pelos magistrados, se posiciona contra as leis estabelecidas, pois não poderia se encontrar com o pastor, porque ambos corriam o risco da população descobrir o seu segredo, já que a protagonista não desejava revelar o nome do pai de Pearl. Neste encontro Hester e o pastor decidem fugir para viverem suas vidas distantes das pessoas que os importunam:

- Então aí tens o amplo caminho do mar! – Continuou ela. – Ele te trouxe até aqui. Se o quiseres, ele te levará daqui. Na terra do nosso berço, seja numa aldeia remota seja na vastidão de Londres, seja na Alemanha, seja na França, seja na bela Itália – Tu estarás a salvo da influencia e das tramas do teu inimigo [...]. Eu tenho que morrer aqui! Não me resta mais força ou coragem para me aventurar pelo vasto, estranho, difícil mundo – sozinho! [...]. – Sozinho, Hester!
- Tu não irás sozinho! – respondeu Hester, num murmúrio profundo.
E estava tudo dito! (HAWTHORNE, 2007, pp. 174-175).

Quando Hester toma iniciativa e chama seu cúmplice para fugirem, ela age como sujeito, burlando as leis que a proíbem de tentar ter algum tipo de relação com o mesmo. Percebe-se a força e a coragem da protagonista ao impor sua decisão. Novamente, temos uma mulher que age, que não se submete a tudo que lhe é imposto.

Mas o plano de fuga não aconteceu, porque depois de um discurso, Dimmesdale revelou ser o pai da criança, em seguida, acaba morrendo, assim acabando com o sonho de viverem juntos como uma família. Depois disto Hester parte sem dar satisfação para onde iria:

Mas ali na Nova Inglaterra, havia para Hester Prynne uma vida mais real do que na região desconhecida onde a filha encontrara um lar. Ali ela pecara, ali nascera a sua desventura, ali devia se cumprir a sua penitência. Por isso voltara e retomara – de livre vontade, pois nem o mais rigoroso magistrado da época o teria imposto – o símbolo de que narramos a tão negra história. Nunca mais ele deixaria o seu seio (HAWTHORNE, 2007, p.224).

Nota-se que a protagonista decide usar a insígnia para sempre, sem que haja desejo de retirá-lo do peito, pois, continuando a usar o símbolo, a mesma se sentiria, talvez, menos culpada do ato cometido. Percebe-se que ao fim da narrativa, Hester é descrita como objeto, não consegue se livrar do pecado e do símbolo que tanto causou repúdio às pessoas da sociedade e também não se desfaz do conceito de inferioridade e de desvalorização.

Ao longo desta análise, percebemos estar diante de uma personagem dúbia, que ora age como sujeito, ora como objeto. Hester é uma personagem feminina exemplar, já que em si características tão comuns a tantas mulheres de tantas épocas, buscando a ascensão, tentando fugir do patriarcalismo e da inferioridade impostas por uma sociedade em que a mulher não tinha voz.

CONCLUSÃO

É certo que Hester Prynne pode ser considerada como uma das primeiras, senão a primeira grande heroína da história da literatura norte americana. Não somente por ter lançado a semente da identidade feminina no seio de uma comunidade eminentemente patriarcalista, mas também por ter elevado a imagem da mulher como a responsável pelo provimento familiar. A personagem de Nathaniel Hawthorne se constrói em “A Letra Escarlate” como a antagonista do pensamento teocêntrico, no qual o homem se posiciona como a própria divindade dentro de uma organização hierárquica familiar.

Para a realização deste trabalho, valemo-nos da teoria literária feminista, descrevendo o papel da mulher na sociedade, suas lutas por melhores condições de vida, trabalho, etc, bem como a retratação da mulher na obra literária, focando seu papel como escritora e seu papel como personagem, descrita por homens ou por mulheres. Buscou-se também mostrar a dicotomia sujeito/objeto, presente na retratação feminina. Após este levantamento teórico, a análise da personagem Hester Prynne foi realizada para evidenciar esta teoria em uma personagem canônica na literatura norte-americana.

Conclui-se que a personagem oscila entre sujeito e objeto. Ela atua como sujeito quando enfrenta a sociedade onde estava sendo julgada diante do homem. Hester, perante

a população preconceituosa, não se intimida e busca através da sua arte de costura ser um indivíduo pensante e atuante na sociedade patriarcal, além de não ter vergonha da filha, fruto de seu pecado e de mostrar-se como altiva, mesmo diante dos olhares hostis da população puritana. Porém, a protagonista é vista como objeto, pois não podia viver como uma pessoa comum, pois sempre era apontada como um ser negativo para a sociedade. Em alguns momentos, esta personagem aceita o rótulo de pecadora, quando assume a letra escarlate em seu peito para sempre, quando se resigna diante do escárnio da população.

Muito ainda pode ser feito em relação a esta obra, riquíssima em temas e cânone da literatura norte-americana. Mais ainda pode ser apontado no que concerne ao papel da mulher. Além disso, a teoria literária feminista, ainda recente, pode ser aplicada em diversas obras que, como esta, retratam personagens femininas dúbias, que buscam atuar como sujeitos na sociedade patriarcal, mas que nem sempre conseguem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Branca Moreira. PITANGUY, Jacqueline. **O que é Feminismo**. São Paulo: Abril, 1985.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. Trad. Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BONNICI, Thomas. **Teoria e Crítica literária feminista: conceitos e tendências**. Maringá: Eduem, 2007.
- DICKINSON, Thomas H. **História da literatura norte-americana**. São Paulo: Instituto progresso editorial, 1948.
- HAWTHORNE, Nathaniel. **A Letra Escarlate**. Trad. Sodrê Viana. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- MICHEL, André. **O Feminismo: Uma abordagem histórica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- THOMAS, Henry. Vidas de Grandes Romancistas. In: HAWTHORNE, Nathaniel. **A Letra Escarlate**. Trad. Sodrê Viana. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- ZOLIN, Lúcia Ozana. Crítica Feminista In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Ozana. **Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2003, pp. 161-183.

ZOLIN, Lúcia Ozana. Literatura de autoria feminina In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Ozana. **Teoria Literária**: Abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2003, pp-253-261.